

Artigo original

Aspectos linguísticos da tradução e da retradução do CLG no Brasil

Linguistic aspects of the translation and retranslation of the CLG in Brazil

Alena Ciulla
Valdir do Nascimento Flores

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar um estudo da tradução/retradução do *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure, tomando por base a reflexão sobre o tema da *retradução* presente em Berman (1990). São analisadas, quanto aos aspectos linguísticos, algumas passagens das edições brasileiras de 1970 e 2021.

Palavras-chave: Tradução; Retradução; Ferdinand de Saussure; Curso de Linguística Geral.

Abstract: This article aims to present a study of the translation/retranslation of Ferdinand de Saussure's book, *Course of General Linguistics*, based on Berman's (1990) reflection on retranslation. Some passages from the 1970 and 2021 Brazilian editions are analysed in terms of linguistic aspects.

Keywords: Translation; Retranslation; Ferdinand de Saussure; Course of General Linguistics.

Introdução

O título de nosso artigo parafraseia textualmente o célebre texto, de 1959, do grande linguista russo Roman Jakobson (1896-1982), “On Linguistic Aspectsof Translation” – “Aspectos linguísticos da tradução”, conforme a versão brasileira –, que integra uma obra coletiva intitulada *On translation [Sobre a tradução]*. Ao utilizá-lo aqui, queremos delimitar o alcance de nossa reflexão: faremos, a seguir, tão-somente alguns apontamentos linguísticos acerca da tradução/*retradução* brasileira do livro *Curso de linguística geral* (doravante, também CLG), do linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913).

O CLG teve uma primeira tradução publicada no Brasil em 1970 (Editora Cultrix). Nessa época, a tarefa ficou nas mãos de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. A tradução é acompanhada de um “Prefácio à edição brasileira” de autoria de Isaac Nicolau Salum. No corpo do livro, os tradutores fazem poucas *notas de tradução* (sete ao todo).

O livro foi *retraduzido* em 2021 (Editorial Parábola). Dessa vez, a *retradução* ficou a cargo de Marcos Bagno. O livro conta com uma “Nota do Editor” de Marcos Marcionilo, uma “Apresentação”

de Carlos Alberto Faraco, além de “notas” e “Posfácio” de Marcos Bagno. As notas adjungidas pelo tradutor não se circunscrevem apenas à tradução do livro, mas têm naturezas diversas (comentários críticos, informações suplementares, opinião pessoal etc.).

Uma rápida olhada nos dois livros é suficiente para ver que são trabalhos muito distintos entre si e com objetivos também distintos. E é nesse ponto que o título de nosso artigo tem, aqui, papel maior de delimitação temática: não pretendemos nem comparar as traduções com vistas à formulação de alguma opinião sobre o trabalho realizado, nem comparar o teor dos paratextos (cf. GENETTE, 2009) de cada edição (notas, prefácios, posfácios etc.), nem opinar sobre esses paratextos. Nosso propósito é apenas trazer à discussão alguns aspectos linguísticos da tradução/*retradução* como forma de vislumbrar como se configura o que Berman (1990) chama de *kairos*, “o momento favorável” da *retradução*.

Para proceder a isso, fazemos o seguinte percurso: inicialmente, apresentamos a noção de *retradução*, tanto em seus aspectos gerais quanto na elaboração dada por seu criador, Antoine Berman (1990); em seguida, incluímos uma pequena nota explicativa a respeito das traduções/*retraduções* do CLG no mundo, como forma de situar o leitor no tema de nosso estudo; adiante, abordamos o que consideramos aqui como aspectos linguísticos da tradução/*retradução* do livro; finalmente tecemos algumas conclusões.

Sobre a noção de *retradução*

Como explicam Mattos; Faleiros (2014, p. 37), o termo *retradução* é polissêmico. E a polissemia circunscreve, no mínimo, dois sentidos, isto é, “dois entendimentos diferentes para o termo – nova tradução; tradução indireta”.

A noção de *tradução indireta* diz respeito à ideia de que uma *retradução* implica traduzir para outra língua um texto já traduzido numa dada língua: “isto é, a *retradução* não seria uma ‘nova tradução’, mas uma tradução feita a partir de outra tradução” (MATTOS; FALEIROS, 2014, p. 37). Há vários exemplos disso no Brasil. No âmbito dos estudos da linguagem – de maior interesse para nós –, lembramos a primeira edição brasileira, em 1979, da obra, com autoria atribuída a Mikhail Bakhtin, *Marxismo e filosofia da linguagem*. Nela, em nota no começo do livro, os tradutores informam que (cf. LAHUD et al., 1988, p. 7) a “tradução baseou-se, principalmente, na tradução francesa”, além de também na “tradução americana” (LAHUD et. al., 1988, p. 7).

A noção de *nova tradução* diz respeito a uma outra tradução de um dado texto na mesma língua em que fora já traduzido. Ainda tomando os estudos da linguagem como parâmetro, consideram os como exemplo a recente *retradução* brasileira, de 2021, do *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure.

Além dessa polissemia, digamos, preliminar, Mattos; Faleiros (2014, p. 38), a partir dos trabalhos de Ladmiral (2012), Chevrel (2010) e Gambier (2012), recuperam ainda cinco outros sentidos para *retradução*: 1) *nova tradução de um mesmo texto de partida* – “é o sentido mais comumente atribuído à *retradução* nos estudos da tradução mais recentes”; 2) *revisão de uma tradução já feita*; 3) *retrotradução* (“retraduzir, na mesma língua do ‘original’, uma tradução desse ‘original’”); 4) *tradução de uma tradução* (é

a “tradução indireta”, lembrada acima, também “podendo ser chamada de metatradução ou ‘tradução-pivô’ (LADMIRAL, 2012), ou, ainda, ‘tradução intermediária’ (GAMBIER, 2012)”; 5) *toda e qualquer tradução, na medida em que é possível que toda tradução seja por si só uma retradução.*

Essa polissemia atual ligada ao termo *retradução* tem, no entanto, um denominador comum. Trata-se da obra fundadora do filósofo, crítico literário e teórico francês Antoine Berman (1942-1991). Destaca-se, em especial, o artigo publicado, em 1990, no quarto volume da prestigiada revista francesa *Palimpseste*, totalmente dedicado ao tema da *retradução*. A revista é, ao todo, constituída por cinco artigos mais a “Apresentação”, de Paul Bensimon. São eles: “La retraduction comme espace de la traduction”, de Antoine Berman; “Quel langage pour le théâtre? (À propos de quelques traductions d’Othello)”, de Anne-Françoise Benhamou; “Retraduire, (re)mettre en scène”, de Michel Gresset; “Finnegans Wake: la traduction parasitée”, de André Topia, e “Sous le signe de Mercure, la retraduction” de Liliane Rodriguez.

Entre os cinco artigos, é ao de Berman que todos os que tratam do tema da *retradução* voltam, tanto para a ele se filiar quanto para dele se afastar. Nesse artigo, intitulado “A retradução como espaço da tradução”, Berman começa estabelecendo que entende “espaço” no sentido de “espaço de inacabamento”: “nesse domínio de essencial inacabamento que caracteriza a tradução, apenas às retraduições cabe atingir – de tempos em tempos – a completude” (Berman, 1990, parágrafo 1). À indagação sobre por que traduzir, Berman responde:

Normalmente, busca-se o fundamento da necessidade das retraduições num fenômeno bastante misterioso: enquanto os originais permanecem eternamente jovens (qualquer que seja o grau de interesse que temos por eles, sua proximidade ou seu distanciamento cultural), as traduções “envelhecem”. Correspondendo a um dado estado da língua, da literatura, da cultura, acontece que, muitas vezes de maneira bem rápida, elas não respondem mais ao estado seguinte. É preciso então retraduzir, pois a tradução existente não desempenha mais o papel de revelação e de comunicação das obras. Além disso – e é aqui uma direção de pensamento muito diferente – como nenhuma tradução pode pretender ser “a” tradução, a possibilidade e a necessidade da retradução estão inscritas na própria estrutura do ato de traduzir. Toda tradução feita depois da primeira tradução de uma obra é, portanto, uma retradução (BERMAN, 1990, parágrafo 2).

Em outras palavras, “é preciso retraduzir porque as traduções envelhecem e porque nenhuma é a tradução: assim vê-se que traduzir é uma atividade submetida ao tempo e uma atividade que tem uma temporalidade própria: a da caducidade e do inacabamento” (BERMAN, 1990, parágrafo 3).

Essas explicações, admite Berman, não são suficientes para responder duas questões, que circunscrevem fenômenos enigmáticos – “por que uma tradução envelhece? Por que uma obra autoriza várias traduções?” (BERMAN, 1990, parágrafo 4).

Quanto à primeira questão, cabe considerar que, apesar de uma tradução estar submetida ao tempo e poder envelhecer, há traduções que não envelhecem: “a História nos mostra que existem traduções que perduram tanto quanto os originais e que, às vezes, conservam mais brilho que estes. Essas traduções são o que se convencionou chamar de *grandes traduções*” (BERMAN, 1990, parágrafo 4). Segundo o autor, é o caso da *Vulgata* de São Jerônimo, da *Bíblia* de Lutero, do Plutarco de Amyot, das

Mil e uma noites de Galland, do Shakespeare de Schlegel, da *Antígona* de Hölderlin, do *Dom Quixote* de Tieck, do *Paraíso Perdido* de Milton de Chateaubriand, do Poe de Baudelaire, entre outros.

Ao olhar para essas “grandes traduções”, Berman se pergunta se há algo nelas que permite precisar a que se deve a grandeza que têm. O autor propõe, assim, seis características comuns à categoria da “grande tradução” (BERMAN, 1990, parágrafos 9-14): 1) é um evento na língua de chegada (escrita e/ou oral); 2) se caracteriza por ser tão sistemática quanto a original; 3) é um lugar de encontro entre a língua do original e a do tradutor; 4) cria uma ligação intensa cujo impacto pode ser mensurado na cultura que a recebe; 5) é um precedente incontornável para a atividade de tradução contemporânea; 6) além disso, é uma *retradução*.

Isso possibilita a Berman formular uma espécie de axioma da grande tradução: “Se nem toda *retradução* é uma grande tradução (!), toda grande tradução é uma *retradução*” (BERMAN, 1990, parágrafo 15). Ciente de que muitas das “grandes traduções” que ele mesmo elenca são, na verdade, primeiras traduções, Berman nuança sua formulação, para que alcance alguma veracidade empírica: a) uma primeira tradução pode ser uma grande tradução desde que tenha sido tomada, desde o seu início, como uma *retradução*; b) uma *retradução* não pode ser entendida apenas como uma nova tradução de um texto já traduzido:

podemos falar aqui de *retradução* desde que exista uma nova tradução de uma obra, mesmo que se trate de uma parte dessa obra que não havia sido ainda traduzida. Basta que um texto de um autor já tenha sido traduzido para que a tradução dos outros textos desse autor entre no espaço da *retradução* (BERMAN, 1990, parágrafo 18).

O que podemos concluir disso é que, entre outras coisas, a *retradução* é um espaço de tradução no sentido de que se um texto de um autor já foi, em algum momento, traduzido, as traduções – deste ou de outro texto – que se seguem serão sempre *retraduções*, e farão parte desse espaço.

Nesse sentido e no que tange à segunda questão antes formulada por Berman (“Por que uma obra autoriza várias traduções?”), cabe ver que, na opinião do autor, uma grande tradução é sempre colocada como *retradução*, o que implica considerar que é, então, produzida na repetição. Acrescentam-se a isso dois pontos importantes da reflexão de Berman: a *insuficiência* [*défaillance*] (constitutiva da tradução) e o *kairos*, formulados a partir da obra de Goethe.

Berman (1990, parágrafo 21) retoma Goethe quanto aos “três modos” de traduzir: a *tradução intra ou justalinear* (*palavra por palavra*) – “visando no máximo dar uma ideia grosseira (nas palavras de Goethe) do original” –; a *tradução livre* – “que adapta o original à língua, à literatura, à cultura do tradutor” –; e a *tradução literal* – “que reproduz as ‘particularidades’ culturais, textuais etc. do original”. Para Goethe, conforme Berman, toda tradução percorre esse ciclo:

disso fica evidente que nenhuma primeira tradução pode ser uma grande tradução. E na medida em que os dois últimos modos pressupõem o primeiro, é evidente que uma tradução completa só pode advir a partir do segundo modo, ou seja, já de uma ‘primeira’ *retradução* (BERMAN, 1990, parágrafo 21).

Nessa direção, e na companhia de Goethe, Berman pensa que a primeira tradução de uma obra ou de um texto não será a mais próxima do original. Ora, apesar de Goethe, em grande medida, servir de base para a “teoria da retradução” de Berman, ela não é suficiente para fundamentá-la porque ainda nos interrogamos a respeito do envelhecimento das traduções (por quê?) e da necessidade de refazê-las. É para responder a isso que é necessário pensar a *insuficiência* e o *Kairos*.

A *insuficiência* mostra que “toda tradução é marcada pela ‘não-tradução’. E as primeiras traduções são aquelas que são mais afetadas pela não-tradução.” (BERMAN, 1990, parágrafo 25). Sendo a *insuficiência* simultaneamente uma incapacidade e uma resistência de traduzir, nas primeiras traduções vê-se que a *insuficiência* está em seu ápice; a *retradução*, por sua vez, contribuiria para reduzir essas *insuficiências*, motivo pelo qual há tantas retraduições de uma mesma obra. Não se pode suprimir completamente a *insuficiência*, e isso nem mesmo na retradução que, no máximo, produz abundância. À uma tradução pobre, contrapõe-se uma tradução abundante que depende, por sua vez, do *kairos*.

Kairos (BERMAN, 1990, parágrafo 26) é “o momento favorável”, quer dizer, “a grande retradução surge apenas ‘no momento favorável’ [...] no qual se encontra bruscamente e imprevisivelmente (mas não sem razões) a resistência ‘suspensa’ que gera a insuficiência, a incapacidade de traduzir ‘bem’ uma obra”. O *kairos* é a reunião das condições para a *retradução* ocorrer (parâmetros socioculturais para a *introdução* de uma dada obra, além de fatores históricos). Soma-se a isso, a *pulsão tradutora* [*la pulsion traduisante*], quer dizer, o desejo de traduzir que se conjuga com o desejo de não traduzir, o que configura recuos do tradutor: “podemos localizar muito bem, numa tradução, os recuos de um tradutor. Mas naquele em que a pulsão tradutora habita, o recuo está reduzido ao seu mínimo: Lutero, Amyot, Schlegel, Armand Robin são exemplos luminosos de indivíduos dominados pela pulsão de traduzir”.

Enfim, isso acontece quando é chegado o tempo de uma dada tradução em uma dada cultura; esse tempo pode, eventualmente, voltar, o que impele à *retradução*.

Com esse pequeno trajeto que fizemos no interior do pensamento de Berman, reunimos as condições para abordar o nosso tema neste artigo: os aspectos linguísticos da tradução e da *retradução* do *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure. Antes de passarmos, porém, a esse tópico (cf. item 3), faremos, a seguir, uma pequena nota, buscando situar a história das traduções e, principalmente, das *retraduições* do CLG no mundo.

Pequena nota sobre tradução e retradução do CLG

O CLG sempre foi objeto de muitas traduções. O Brasil sempre foi sabedor disso. Já no prefácio à primeira tradução brasileira Salum lista, além da versão japonesa, de 1928 (a primeira tradução no mundo), a alemã, a russa, a espanhola, a inglesa, a polonesa, a húngara. Atualmente há traduções em muitas línguas do mundo.

Uma das principais fontes, quando se quer abordar o tema da tradução/*retradução* do CLG no mundo é a obra conjunta *Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction* (2018), coordenada por Ekaterina Velmezova e John Joseph. Nela, são abordadas as traduções de língua chinesa (Kim, 2018), alemã (Sofia; Swiggers, 2018), inglesa (FOREL, 2018), italiana (COSENZA, 2018), turca

(ÖZTÜRK KASAR, 2018) e indonésia (SALVERDA, 2018).

A obra apresenta ainda um excelente anexo, de autoria de Reinier Salverda, “F. de Saussure’s *Cours de linguistique Générale* in translation: A world bibliography, 1928-2014” [F. de Saussure *Curso de linguística geral* em tradução: uma bibliografia mundial, 1928-2014]. A lista conta com 50 traduções, em 31 idiomas, acompanhada de grande riqueza de informações. Especificamente com relação à existência de mais de uma tradução no mesmo idioma, Salverda (2018, p. 116) fornece uma lista de 27 traduções em 10 idiomas: “três para o japonês, duas para o alemão, três para o russo, duas para o espanhol, três para o inglês, duas para o português, duas para o coreano, três para o chinês, cinco em árabe e dois em persa”.

Sobre essa lista e em atenção aos nossos propósitos aqui, cabe considerar o que segue: a) o levantamento de Salverda vai de 1928 a 2014, período que não inclui a retradução brasileira, de 2021; b) Salverda considera que há duas traduções para o português, no entanto, não se configura neste caso, ainda, uma situação de *retradução*, já que são levadas em conta a tradução brasileira, de 1970, e a portuguesa, de 1971. Portanto, a situação de *retradução*, no caso brasileiro, apenas se concretiza recentemente.

Dessa lista, o caso do Japão é bastante interessante para os nossos objetivos aqui. Conforme Suenaga (2005, p. 241-242): a primeira tradução é de 1928 (feita a partir da segunda edição do CLG, de 1922) com o título de “Princípios de linguística”; em 1940, o mesmo tradutor revisa sua tradução (desta vez, a partir da segunda edição, também da primeira, de 1916, e da terceira, de 1931); em 1972, o mesmo tradutor revisa a tradução e, então, republica a obra com o título de “Curso de linguística geral”.

A situação brasileira recentemente altera-se, com a publicação da última tradução, a *retradução*. Nesse sentido, pensamos que se configura uma nova realidade, que permite novas avaliações e prospecção de entendimento e recepção do CLG no Brasil. Para tratar disso com mais vagar, a seguir tecemos alguns comentários tomando como uma espécie de *corpus* passagens oriundas das duas traduções brasileiras. Com base nesse material, fazemos algumas observações a respeito dos aspectos linguísticos da tradução do CLG no Brasil e os efeitos decorrentes da concomitância dessas duas traduções no mercado editorial brasileiro.

Algumas considerações sobre a tradução e *retradução* do CLG no Brasil

Com base na noção de *retradução* de Berman firmamos, então, o nosso ponto de partida para situar as traduções do CLG no Brasil. Assim, em primeiro lugar, ressaltamos que é em relação a esse espaço de inacabamento, constitutivo de toda tradução, que fazemos nossa análise. Não é nosso intuito, portanto, a mera constatação de “erros de tradução” e, sim, observar, em alguns trechos, como as escolhas tradutórias podem fazer reconstituir o texto da tradução em cotejo com o texto original.

A nossa perspectiva geral de análise também vai ao encontro de Jakobson (1974), porque, como o autor russo, também pensamos a tradução de modo articulado “a uma teoria geral da língua e da linguagem”, conforme Flores (2019a, p. 215).

Essa articulação se justifica, em grande parte, pelo fato de que, na tradução, tanto o falante quanto o tradutor buscam algo em comum: o significado. E o significado das palavras a serem traduzidas “é decididamente um fato linguístico” (JAKOBSON, 1974, p. 63). Assim, consideramos que o significado

linguístico está no centro da operação de tradução e, por isso, explicitamos brevemente aqui algumas questões relacionadas aos aspectos linguísticos aí envolvidos: são eles que guiam nossas análises.

De acordo com Jakobson (1974), toda experiência cognitiva, isto é, tudo de que se pode falar pode ser traduzido em qualquer língua existente. Onde houver insuficiência, pode-se empregar empréstimos, neologismos, circunlóquios, transferências semânticas etc. Mas a definição de nossa experiência cognitiva está numa relação complementar com as operações metalinguísticas ou, em outras palavras: somente compreendemos a referência às coisas, se tivermos um conhecimento linguístico sobre o significado das palavras que referem essas coisas. Podemos afirmar, então, com Jakobson (1974), que o significado linguístico é sempre uma tradução por outro signo. No caso da tradução *interlingual*, a tradução se dá de um signo em uma dada língua por um signo na língua para a qual se traduz.

Ressaltamos aqui que, sob esse viés, a tradução não é uma operação de equivalência entre o conteúdo do texto original em uma língua e o conteúdo do texto traduzido em outra língua, mas se trata de uma reconstrução do conteúdo do texto original, que é fruto de uma interpretação deste texto.

Partimos, então, da premissa de que, por envolver a compreensão do significado linguístico, a tradução é uma operação metalinguística e de interpretação. Para as nossas análises, além do conhecimento das línguas francesa e portuguesa, é preciso levar em conta a leitura interpretativa da teoria linguística que decorre dos textos em questão, quais sejam, o CLG original e os das duas traduções brasileiras.

O texto do CLG tem suas particularidades, pois, como sabido, a própria compilação do CLG e suas várias recepções são, por si só, motivo de permanentes discussões sobre conceitos em específico e mesmo sobre a teoria geral de Saussure e, conforme já registravam Ciulla; Finatto e Lopes (2016) em um estudo, envolvendo a primeira tradução brasileira:

Somando-se a essa múltipla interpretação de que foi resultado o CLG, trabalhamos com uma tradução de tal texto, de que, é sabido, decorrem novas interpretações e releituras. Muitos dos conceitos tratados no CLG foram, ainda, motivo de controvérsia e discussão, como em especialmente a partir da descoberta dos manuscritos. A tradução do CLG para o português brasileiro foi feita na década de 70 e, ainda que tenha sido reeditada, não temos notícia de uma revisão sistemática dessa tradução desde então. Diante dessa lacuna, então, apresentamos também, neste artigo, um estudo inicial de aproximação da tradução do CLG, em especial no que diz respeito aos trechos em que há a definição de signo linguístico (...). Tal experiência tem sido proveitosa, já que frequentemente as intuições que têm origem em um viés da pesquisa servem para fazer avançar o outro (CIULLA; FINATTO; LOPES, 2016, p.57).

Apontava-se aí para uma releitura tradutória, em especial das passagens que tratam do *signo linguístico*, na expectativa de elaborar esse conceito bastante central na reflexão saussuriana. Mas mais do que isso, há a intuição de que no processo de *retradução* – mesmo que parcial, de apenas alguns dos trechos relevantes para o conceito em questão – pode-se chegar a uma versão mais bem acabada e mais precisa de elaboração do conteúdo da obra original.

Um outro aspecto a pontuar é que, no que diz respeito à insuficiência, caducidade e o conseqüente espaço de inacabamento da *retradução* do CLG, essas características estão todas ligadas não somente ao

tempo e à cultura, mas a uma complexa construção teórica que se desenvolveu no tempo e na cultura. Assim, reconstituir o texto da tradução do CLG, mesmo que em uma frase isolada, implica em reconstituir no todo as reflexões saussurianas nas traduções e no original.

Selecionamos, então, três trechos para a análise, todos extraídos da *Primeira Parte* do CLG, *Capítulo I - Natureza do Signo Linguístico*. Observamos ainda que, coerentemente ao que acabamos de dizer no parágrafo anterior, estão copiados os contextos mínimos dos trechos selecionados para a compreensão da análise, mas ela é feita pressupondo a leitura do livro todo.

Nosso objetivo com essas análises é o de mostrar que diferentes escolhas tradutórias têm consequências importantes para a recepção da teoria saussuriana – ou pelo menos revelam as diferentes leituras que os tradutores fazem. De certa maneira, fazemos ecoar aqui o que foi defendido em Flores; Hoff (2020, p. 2), que partem “da ideia de que a dita língua de chegada – no caso, o português –, em função de sua configuração específica, influencia o conteúdo que traduz”, o que significa, *grossomodo*, “formular a hipótese de que Saussure em português não é absolutamente sinônimo de Saussure em francês ou mesmo em qualquer outra língua”. Essa formulação encontra respaldo na obra da filósofa francesa Barbara Cassin (2018, p. 16) que, no *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*, explica: “o ponto de partida [do dicionário] é uma reflexão sobre a dificuldade de traduzir em filosofia”; o objetivo é “[...] pensar a filosofia em línguas, tratar as filosofias como elas se dizem, e ver o que isso muda em nossas maneiras de filosofar” (CASSIN, 2018, p. 16).

A seguir, nos quadros, os excertos selecionados (trechos de 1 a 3), por coluna, nesta ordem: na primeira coluna, o CLG original em francês (1976); na segunda (T1), a tradução brasileira de Chelini, Paes e Blikstein (1975); na terceira (T2), a tradução de Bagno (2021). O trecho em foco em cada análise está grifado no original, em francês.

Trecho 1

Original CLG, p.100	T1: Tradução de Chelini, Paes e Blikstein, p.81	T2: Tradução de Bagno, p.117
Ainsi l'idée de “soeur” n'est liée par aucun rapport intérieur avec la suite de sons s – ö – r qui lui sert de signifiant; il pourrait être aussi bien représenté par n'importe quel autre:	Assim a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons <i>m-a-r</i> que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual;	Assim, a ideia de “irmã” não está ligada por nenhuma relação interna à sequência de sons [i]-[r]-[m]-[ã] que lhe serve de significante; este poderia ser igualmente bem representado por qualquer outra sequência:

<p>à preuve les différences entre les langues et l'existence même de langues différentes: le signifié "boeuf" a pour signifiant b – ö – f d'un côté de la frontière et o – k-s (<i>Ochs</i>) de l'autre.</p>	<p>como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa boeuf ("boi") tem por significante b-ö-f de um lado da fronteira franco-germânica e o-k-s (<i>Ochs</i>) do outro.</p>	<p>prova disso são as diferenças entre as línguas diferentes. O significado "boi" tem como significante em francês [b]-[oe]-[f] (<i>boeuf</i>), enquanto em alemão é [ɔ]-[k]-[s] (<i>Ochs</i>).</p>
--	---	---

Fonte: elaborao prpria.

A T1 opta por *mar*, nesse trecho em que se exemplifica a relação entre ideia e sequência de sons, quando em francês aparece *soeur*. Se a imagem acústica de *soeur* fosse a questão, por exemplo, e uma tradução de *soeur* para o português não mantivesse o traço a ressaltar, haveria uma justificativa para essa transposição. No caso de *soeur*, no entanto, a adaptação para *mar* não se justifica, pois o exemplo serve para ilustrar a arbitrariedade do signo: tanto um quanto outro não têm em sua imagem acústica uma motivação. Além disso, influencia a leitura, pois de um lado, apaga-se a escolha do original por este exemplo em especial, descaracterizando a obra e, por outro, há uma interferência dos tradutores que ficam aí marcados pela sua própria escolha.

Em T2, opta-se pela tradução de *sœur*, mas desta vez sem transposição, por *irmã*. Ainda que de outra forma, essa escolha também marca o tradutor de língua portuguesa e causa uma opacidade, podendo fazer pensar que Saussure deu um exemplo em português.

Outra observação sobre o Trecho 1 é sobre a pontuação: na primeira ocorrência de dois pontos em francês, na T1 há ponto e vírgula. Os dois pontos no original têm um papel importante, pois colocam em relevo a observação sobre a diferença entre as línguas. A troca pelo ponto e vírgula, por ser este um sinal muito próximo ao ponto final, que encerra um período, apaga a relação sintática de continuidade e de ênfase tão marcada neste trecho, no original, pelos dois pontos.

Em T2, na primeira ocorrência, os dois pontos são mantidos. Todavia na segunda ocorrência, há um ponto final entre a questão da diversidade das línguas e o exemplo do significado *bœuf*, desfazendo a relação de ilustração que é explicitada pelos dois pontos no original. Por fim, há um apagamento da questão da *diferença entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes*, que em T2 aparece parcamente como *prova disso são as diferenças entre as línguas diferentes*.

Sobre o Trecho 1, observamos ainda que o período que inicia, no original, por *il pourrait être aussi bien représenté par n'importe quel autre*, em T2, é traduzido por *este poderia ser igualmente bem representado por qualquer outra sequência*. O que acontece aí é que *il* [ele], no original, retoma *rapport* [relação] e *este*, que está em T2 no lugar de *il*, sendo um demonstrativo masculino que retoma o nome imediatamente anterior, remete a *significante* (até porque todos os outros candidatos gramaticalmente possíveis de serem recuperados por *este* são femininos, em português, quais sejam: *ideia*, *relação* e *sequência*

de sons). Mas, do ponto de vista da teoria saussuriana, não é o significante que poderia ser igualmente bem representado por qualquer outra sequência e, sim, é a relação (entre a ideia e a sequência de sons) que poderia ser igualmente bem representada por qualquer outra sequência. Em T1, neste mesmo período, o sujeito da oração é elíptico, mas a desinência feminina de *representada* (em *poderia ser representada igualmente*) permite associar o sujeito ao antecedente *relação*.

A parte final desse trecho é analisada a seguir.

Trecho 2

Original CLG, p.100	T1: Tradução de Chelini, Paes e Blikstein, p.81	T2: Tradução de Bagno, p.117
Ainsi l'idée de « <i>soeur</i> » n'est liée par aucun rapport intérieur avec la suite de sons <i>s – ö – r</i> qui lui sert de signifiant: il pourrait être aussi bien représenté par n'importe quel autre: à preuve les différences entre les langues et l'existence même de langues différentes: le signifié "boeuf" a pour signifiant b – ö – f d'un côté de la frontière et o – k – s (<i>Ochs</i>) de l'autre.	Assim a ideia de "mar" não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons <i>m-a-r</i> que lhe serve de signifiante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa boeuf ("boi") tem por signifiante b-ö-f de um lado da fronteira franco-germânica e o-k-s (<i>Ochs</i>) do outro.	Assim, a ideia de " <i>irmã</i> " não está ligada por nenhuma relação interna à sequência de sons [i]-[r]-[m]-[ã] que lhe serve de signifiante; este poderia ser igualmente bem representado por qualquer outra sequência: prova disso são as diferenças entre as línguas diferentes. O significado "boi" tem como signifiante em francês [b]-[oe]-[f] (<i>boeuf</i>), enquanto em alemão é [o]-[k]-[s] (<i>Ochs</i>).

Fonte: elaboração própria.

Na T1 é acrescentada a expressão *palavra francesa*, no ponto em que, em francês, há *signifié* "boeuf" [significado "boeuf"]. Ou seja, em T1, o que está em jogo é a "palavra" *boeuf*; já no trecho original, é o *signifié* "boeuf". T1 considera "palavra" o que, em francês, é *signifié*, um termo técnico bastante específico da teoria saussuriana.

A T2 opta por *significado "boi"*, o que, em parte, preserva a noção de *significado*, que é importante neste trecho, mas, ao traduzir *boeuf* por *boi*, introduz uma relação não contida no trecho original. Quer dizer, não é o significado *boi*, em português, que tem como signifiante em francês *boeuf*; é o significado *boeuf* que tem como signifiante *boeuf*.

Adiante, neste mesmo trecho, há outro ponto a ser considerado: onde se lê *d'un côté de la frontière*, no trecho original, em T1, lê-se *de um lado da fronteira franco-germânica*. Ora, sabemos que Saussure, bem como os compiladores do CLG, eram suíços e moravam na Suíça (onde também se encontra a Universidade de Genebra, local que sediou os cursos que deram origem ao CLG). Assim, essa fronteira

em que se fala *b-ö-f* de um lado e *o-k-s* de outro, poderia ser tanto entre a Suíça e a França como entre regiões da Suíça, em que são faladas diferentes línguas, entre elas, principalmente o francês e o alemão. De qualquer modo, no texto do CLG há apenas *de um lado da fronteira se diz b-ö-f, do outro se diz o-k-s*. Há aí um aspecto cultural que é importante para entender a reflexão de Saussure sobre as relações do signo e que fica obliterado pela T1 nessa passagem.

Nesse mesmo trecho, a T2 elimina a palavra *frontière* e, assim, o aspecto cultural de “coabitação” evocado por *fronteira* perde a referência ao fato de que línguas, mesmo que na vizinhança (de fronteiras), significam de modo diferente. Além disso, a T2 acrescenta a especificação sobre as línguas em que se diz *boeuf* e *Ochs*, respectivamente o francês e o alemão. Contudo, no original, não há essa especificação, e a ênfase não é nas línguas em particular, mas em um aspecto da arbitrariedade do signo das línguas em geral, que se confirma pela existência de diferença entre as línguas e no próprio fato de haver línguas diferentes.

A seguir, um terceiro e último trecho para análise:

Trecho 3

Original CLG, p.102	T1: Tradução de Chelini, Paes e Blikstein, p.83-84	T2: Tradução de Bagno, p.119
Il suffit de comparer deux langues à cet égard pour voir combien ces expressions varient de l'une à l'autre (par exemple au français <i>aié!</i> correspond l'allemand <i>au!</i>) On sait d'ailleurs que beaucoup d'exclamations ont commencé par être des mots à sens déterminé (cf. <i>diable!</i> <i>mordieu!</i> = mort Dieu, etc.).	Basta comparar duas línguas, sob esse aspecto, para ver o quanto tais expressões variam de uma para outra língua (por exemplo, ao francês <i>aié!</i> corresponde em alemão <i>au!</i> em português <i>ai!</i>). Sabe-se também que muitas exclamações começaram por ser palavras com sentido determinado (cf. <i>diabo!</i> ; ou em francês, <i>mordieu</i> = <i>morte Dieu</i> etc.).	Basta comparar duas línguas a esse respeito para ver o quanto essas expressões variam de uma para a outra (por exemplo, ao francês <i>aié!</i> corresponde o inglês <i>ouch!</i>). Além disso sabe-se que muitas exclamações começaram sendo palavras com sentido determinado (cf. <i>diabo!</i> ; <i>credo</i> = latim <i>credo</i> , “eu creio” etc.).

<p>Les exclamations, très voisines des onomatopées, donnent lieu à des remarques analogues et ne sont pas plus dangereuses pour notre thèse. On est tenté d'y voir des expressions spontanées de la réalité, dictées pour ainsi dire par la nature. Mais pour la plupart d'entre elles, on peut nier qu'il y ait un lien nécessaire entre le signifié et le signifiant.</p>	<p>As exclamações, bastante próximas das onomatopéias, dão lugar a observações análogas e não constituem maior ameaça para a nossa tese. É-se tentado a ver nelas expressões espontâneas da realidade, como que ditadas pela natureza. Mas para a maior parte delas, pode-se negar haja um vínculo necessário entre o significado e o significante.</p>	<p>As interjeições, muito próximas das onomatopéias, permitem observações análogas e tampouco constituem risco para a nossa tese. É-se tentado a ver nelas expressões espontâneas da realidade, ditadas, por assim dizer, pela natureza. Mas para a maioria delas é possível negar que haja um vínculo necessário entre significado e significante.</p>
--	---	---

Fonte: elaborao prpria.

Em primeiro lugar, nas duas traduções nos deparamos, novamente, com a problemática dos exemplos, como vimos, no trecho anterior, na substituição do exemplo em francês (*soeur*) por um exemplo em português (*mar* e *irmã*). Neste trecho, em T1, não há substituição de exemplo, mas é acrescentado um exemplo em português (*e em português ai!*). Em T2, é suprimido o exemplo do alemão, e é acrescentado um do inglês (*o inglês ouch!*). Ou seja, em T1 é adicionado um exemplo que não existia no original, em uma correspondência com o português, que é feita pelos tradutores e, em T2, há uma supressão do exemplo em alemão e um acréscimo de uma correspondência com o inglês, também a cargo do tradutor. Note-se que há alterações de ordem referencial nas duas traduções.

Como já dissemos, essa é uma questão delicada, que traz ambiguidade para o texto, pois o exemplo é apresentado ao leitor como se assim tivesse sido formulado por Saussure, que não deu exemplos nem português nem em inglês, pelo menos não nesses casos, e, sim, apresentou um exemplo em francês, outro em alemão.

Em T2, notamos ainda que se lê *interjeições*, no ponto em que, no original, há *exclamations* [exclamações]. A questão é que um não pode ser tomado pelo outro, já que *exclamation* é um ato de fala e *interjeição* é uma classe de palavra. Além disso, mais adiante, o termo *exclamations* é retomado, e, desta vez, em T2, a tradução é *exclamações*. Em T1, nas duas ocorrências de *exclamations* a escolha foi por manter *exclamações*.

Para finalizar a análise desse trecho, observamos que a tradução da exemplificação que aparece entre parênteses, *cf. diable! mordieu! = mortDieu, etc.* é feita em T1 por *cf. diabo!; ou em francês, mordieu = morte Dieu etc.* Em primeiro lugar, foi traduzido *diable*, por *diabo*, mas não *mordieu*, que permanece em T1, com o adendo de que se trata de uma palavra em francês. Em segundo lugar, foi omitido o ponto de exclamação em *mordieu*. Por fim, foi traduzido *mort* por *morte*, mas *Dieu* permanece em francês. A decisão em manter simultaneamente expressões traduzidas para o português e expressões em francês,

além das omissões, dificultam a compreensão do exemplo. O exemplo é de apenas duas exclamações: *diable*, que já é a própria palavra que originou a blasfêmia, e *mordieu*, esta com a indicação (pelo sinal de igualdade) da expressão com sentido determinado (*mortDieu*) que originou a blasfêmia *mordieu*.

Nessa mesma passagem, T2 traduz *diable* por *diabo*, mas substitui *mordieu* por *credo*, sem o ponto de exclamação. Além disso, ainda em T2, é mantida a função do sinal de igualdade do original, com uma explicação para a origem de *credo* (que viria do *latim credo*, “eu creio”). Retornamos aqui, ainda uma vez, à problemática dos exemplos, pela questão referencial e cultural, que muda a recepção da teoria.

Conclusão

Feito o percurso teórico-analítico anterior, é possível tecer algumas considerações finais relativamente, de um lado, aos aspectos linguísticos levados em conta na discussão em torno da ideia de *retradução*; de outro lado, aos impactos que tradução e *retradução* têm no entendimento de uma dada teoria.

A análise dos trechos examinados mostra que os aspectos linguísticos considerados colocam em relevo a questão do significado linguístico. Quer dizer, um significado não pode ser atribuído à “coisa” do mundo, mas ao fato de que ele pode ser “traduzido” linguisticamente, e sempre em atenção ao uso que é feito dessa ou daquela palavra. Esse uso nada mais é do que o significado que adquire do fato de aparecer em um dado texto discurso enunciado (o termo aqui é indiferente). É, portanto com a língua que se fala da língua (propriedade metalinguística) e, na tradução, evidencia-se essa operação uma vez que se coloca a língua a serviço da explicação da língua.

Essa interpretação que fazemos dos “aspectos linguísticos da tradução” é nitidamente jakobsoniana e encontra apoio numa formulação do autor que conhecerá notoriedade na história dos estudos da tradução: “as línguas diferem essencialmente naquilo que *devem* expressar, e não naquilo que *podem* expressar” (JAKOBSON, 1974, p. 67, itálicos do autor).

Além disso, ao entendermos que uma dada língua de chegada, em função de sua configuração específica, influencia o pensamento que traduz – concepção essa decorrente do trabalho de Cassin (2018) – deixamos entrever que as *retraduções* têm de lidar com o que, de certa forma, resiste à equivalência óbvia entre as línguas, mas não deixa de se inscrever na ordem dos saberes na língua de chegada. Em outras palavras, as leituras das *retraduções* impactam e influenciam no modo de reconstruir uma teoria – no caso a do Saussure no CLG. Nossas análises ilustram a permanente necessidade de *retradução* e, além de fazerem repensar a teoria, sinalizam uma perspectiva de recepção de leitura.

Por fim, o percurso aqui feito reafirma um princípio (ético? político? teórico?) da tradução: é preciso partir do conjunto do texto para traduzir; somente o conjunto pode determinar as partes e não o contrário. Seria esse um princípio derivado do próprio pensamento saussuriano cuja premissa básica é o primado do sistema sobre as partes?

Referências

- ALBIR, H. **Traducción y traductología: introducción a la traductología**. 10. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2018.
- CASSIN, B. (coord.); SANTORO, F.; BUARQUE, L. (Org.). **Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias – Línguas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v. 1.
- CASSIN, B. Apresentação da 1ª edição francesa do Vocabulaire Européennes Philosophies. In: CASSIN, B. (coord.); SANTORO, F.; BUARQUE, L. (org.). **Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias – Línguas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v. 1, p. 16-21.
- BERMAN, A. La retraduction comme espace de la traduction. In: **Palimpsestes**. 1990. Disponível em: <http://journals.openedition.org/palimpsestes/596>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. Marxismo e filosofia da linguagem: a recepção de Bakhtin e o Círculo no Brasil. **Bakhtiniana. Revista de estudos do discurso**. São Paulo, v. 2, n. 15, p. 33–63, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/44560>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- BROWER, R. A. (Org.). **On Translation**. Cambridge/EUA: Harvard University Press, 1959.
- CHEVREL, Y. Introduction: la retraduction – und kein Ende. In: KAHN, R.; SETH, C. **La retraduction**. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2010, p. 11-21.
- CIULLA, A; LOPES, L.; FINATTO, M-J. O CLG como um corpus linguístico: representação de conhecimento e questões de tradução. In: PINHEIRO, C.; LIMA, H. (orgs.). **Diálogos – Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos**. Natal: EDUFERN, v. 2, p. 45-65, 2016.
- COSENZA, G. Le rôle d’Alice Bally dans l’édition italienne du Cours de linguistique générale. In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l’ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 57-74. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- FLORES, V. do N. Comentários sobre as traduções da “Nota sobre o discurso” de Ferdinand de Saussure no Brasil: elementos para leitura da “Nota”. **Leitura, [S. l.]**, v. 1, n. 62, p. 173–190, 2018. DOI: 10.28998/2317-9945.2019v1n62p173-190. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4505>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- FLORES, V. do N.; HOFFE, S. Saussure em francês e Saussure em português: Eles dizem (quase) a mesma coisa?. **Todas as letras. Revista de língua e literatura**. São Paulo, v. 2, n. 22, 2020, p. 1-16. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/13387>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- FLORES, V. do N. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019a.
- FOREL, C. “Any attempt to supply single-word English equivalents...”. In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l’ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 45-56. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- GAMBIER, Y. La retraduction: ambiguïtés et défis. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (Orgs.). **Autour**

de la retraduction. Paris: Orizons, 2012, p. 49-67.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais.** Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação.** Tradução de José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 63-72.

JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL.** n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

KIM, S.D. Les problèmes de la traduction du Cours de linguistique générale dans le monde de l'écriture chinoise: terminologie, épistémologie, réception. In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL.** n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 7-24. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

LADMIRAL, J-R. Nous autres traductions, nous savons maintenant que nous sommes mortelles...". In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (Orgs.) **Autour de la retraduction.** Paris: Orizons, 2012, p. 29-49.

LAHUD, M. et al. Nota dos tradutores. In: BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem.** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud et al. São Paulo: HUCITEC, 1988. p. 7.

MATTOS, T.; FALEIROS, A. A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico. **Revista Letras Raras.** v. 3, n. 2, 2014, p. 35-57. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/307/241>. Acesso em: 25 abr. 2023.

MESCHONNIC, H. **Poética do traduzir.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira São Paulo: Perspectiva, 2010.

OLIVEIRA, T. M. Yves Gambier, teórico da retradução: uma releitura de Antoine Berman. Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios. v.2, n.1, 2014, p. 125-141. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/download/23096/12767/91169>. Acesso em: 25 abr. 2023.

OUSTINOFF, M. **Tradução: história, teorias e métodos.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.

ÖZTÜRK KASAR, S. La traduction turque du Cours de linguistique générale de F. de Saussure par B. Vardar: une version exemplaire d'un maître-traducteur. In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL.** n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 75-98. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

PRAIS, F. SAUSSURE, F. de. Curso de linguística geral. Apresentação de Carlos Faraco. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021. 392p. Resenha. **Revista Do GEL** v. 19, n. 1, p. 283–295. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3401>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SALVERDA, R. F. de Saussure in Indonesia: Translation and reception. In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA,

E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 99-114. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SALVERDA, R. F. de Saussure's Cours de linguistique générale in translation: A world bibliography, 1928-2014. In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 115-130. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Apresentação de Carlos Faraco. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, F. de. **Cours de Linguistique Générale**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Notas e comentários de Tullio de Mauro, traduzidas do italiano por Louis-Jean Calvet. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1976.

SOFIA, E.; SWIGGERS, P. La traduction allemande du Cours de linguistique générale et sa diffusion dans les pays germanophones (1916-1935). In: JOSEPH, J.; VELMEZOVA, E. (Ed.). Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction. **Cahiers de l'ILSL**. n. 57, Lausanne, UNIL-CLSL, 2018. p. 25-44. Disponível em: <https://wp.unil.ch/labelettres/le-cours-de-linguistique-generale-reception-diffusion-traduction/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SUENAGA, A. **Saussure, un système de paradoxes. Langue, parole, arbitraire et inconscient**. Limoges: Lambert-Lucas, 2005.